

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

OS EFEITOS DOS CONTOS DE FADAS NA SUBJETIVIDADE¹

Jenaína Tres², Michele Corrêa Hermes³, Jessica Da Rosa Kirch⁴, Tania Maria De Souza⁵.

¹ Artigo sobre a experiência de estágio básico curricular da graduação em psicologia, do departamento de Humanidades e Educação da Unijuí

² Aluno do curso de graduação em psicologia da Unijuí

³ ALUNO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UNIJUI

⁴ ALUNO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UNIJUI

⁵ PROFESSORA MESTRE DO DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO, SUPERVISORA DO ESTÁGIO BÁSICO CURRICULAR I DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UNIJUI

Introdução

Os contos de fadas são usados desde o primórdio para interagir com as crianças. A fantasia dos contos é fundamental para o desenvolvimento infantil. É por meio desses contos que as crianças se desenvolvem e demonstram seus sentimentos, suas emoções, seus medos, seus desejos e anseios mais profundos e aprendem a lidar com essas situações. Os enredos dos contos falam dos sentimentos comuns a todos nós como por exemplo: o ódio, inveja, ciúme, rejeição e frustração, que só é possível ser vivenciado e compreendido pela criança através de uma maneira lúdica e simbólica das emoções e das fantasias.

Os contos são instrumentos usados para a descoberta e o envolvimento dos sentimentos de uma criança, eles desenvolvem a capacidade da fantasia da atuação imaginária de ser um lobo mal, um herói ou um bandido. É quando a criança desenvolve essa capacidade de atuação que o mundo imaginário passa a ser para ela uma maneira de manifestar seus sentimentos que na “vida real” ela não poderia elaborar devido os enigmas que muitas vezes lhe são apresentados. Essa fantasia de atuação facilita muito a compreensão das crianças pois é o instrumento que mais a aproxima do mundo real, é através dos contos de fadas que se desenvolve sua subjetividade.

Metodologia

Consiste em uma experiência de estágio, fundamentada pela teoria psicanalítica, onde cria-se oficinas de contos de fadas em uma instituição de ensino ou não. Após a narrativa do conto de fada as crianças desenham, recriam e dramatizam o conto ou aquilo que ele fez emergir. A referência bibliográfica norteadora é o livro Fadas no Divã de Diana e Mario Corso.

Resultados e discussões

Os contos de fadas são instrumentos de suma importância e significado, quando se trabalha com a subjetividade infantil, nas questões inconscientes e na compreensão da criança no que diz respeito a sua existência e sua significação para um mundo externo. Os contos possibilitam para a criança uma atuação dos conflitos que lhe são inconscientes e a preparam para uma atuação de conflitos conscientes quando lhe surgirem na vida adulta.

Através dos contos de fadas, apresenta-se nas crianças um depositário de significações inconscientes, e os contos de fadas tem seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje. Os contos de fadas clássicos, como Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, entre outros, remetem a criança uma forma de identificação

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

com a história na qual se apegam e usam para elaborar seus dramas íntimos, entrando na trama oferecida e encaixando suas questões, assim o efeito que esses contos causa na subjetividade da criança, é o que ela absorve dessas histórias, muitas vezes remete ao seu cotidiano, contexto social, e seus conflitos internos.

Vale ressaltar que caso essas histórias tenham vindo das mãos de um adulto, pode ser tomada pela criança como se ele tivesse tido a intenção de dizer algo através da escolha da história e que quanto menos impessoal for o vínculo dessa narrativa, melhores serão seus efeitos. É notável ao se narrar histórias para uma criança, a fascinação na qual elas ficam com o conto e principalmente com alguns elementos, como por exemplo, o lobo na história de Chapeuzinho vermelho.

A utilização de narrativas dos contos para as crianças, traz a importância do significado que elas trazem para a subjetividade dos pequenos. Bem como a contribuição para a legitimação da fantasia como parte imprescindível na vida das crianças, mobilizando algo que as crianças possuem em seu interior e a constituição de sua personalidade.

A família é de fundamental importância na constituição da personalidade das crianças, é a família que constrói e atribui os significados para sua existência. É através do contador dos contos de fadas e seus enredos que as crianças entram em contato com o mundo simbólico, fazendo identificação com seus conflitos vividos na realidade, de acordo com os heróis, fadas, bruxas ou outros personagens.

“Entre as heranças simbólicas que passam de pais para filhos, certamente, é de inestimável valor a importância dada à ficção no contexto de uma família. Afinal, uma vida se faz de histórias – a que vivemos, as que contamos e as que nos contam”. (CORSO, 2006)

Um conto revela muito daquilo que em determinado grupo social acredita, revela os costumes, as crenças, os valores. Por isso há contos que são mais bem internalizados e outros que necessitam de maior empenho para serem compreendidos. Surge a necessidade que os pais, professores e a sociedade em geral não tenham medo de utilizar esse recurso tão encantador para uma criança. O conto é um instrumento que enriquece o trabalho de um professor, da família e também do psicólogo pois agrega com ele uma simbologia mágica capaz de despertar na criança uma subjetividade muitas vezes reprimida pela família, pela escola e pela sociedade em que está inserido.

De acordo com Bruno Bettelheim (2002), a entrada de um conteúdo na consciência não acontece quando o inconsciente é reprimido de alguma maneira pelo mundo externo. Dessa forma a mente é forçada a manter um controle muito rígido e compulsivo sobre eles assim sua personalidade poderá ficar gravemente mutilada, necessitando de um acompanhamento psicanalítico que vise uma recuperação adequada dessa personalidade que foi “agredida” pelo meio externo do sujeito.

O contexto sócio cultural da criança tem dimensão importante na elaboração das questões psíquicas pois o meio é subjetivador e subjetiva nas condições que se apresenta. Se uma criança experimenta violência em casa ela reproduzirá ativamente essa experiência no brincar, colocando-se como autor para assim conseguir elaborar aquilo que a tomou, como cita Freud:

“(…)Só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta. (...)Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

para um de seus companheiros de brincadeiras e, dessa maneira, vinga-se num substituto”. (FREUD, Sigmund, Além do Princípio do Prazer, 1920-1922, Ed. Imago. p. 27)

A brincadeira torna-se ferramenta de subjetivação assim como o conto de fadas, do qual trata-se esse artigo. A história do personagem faz emergir através da linguagem questões inconscientes da sua própria história, sua função é tão importante e satisfatória que geralmente ao término da história segue-se a seguinte frase do grupo de crianças “conta de novo”. Isso nos denuncia um pouco da importância daquela narrativa quanto instrumento usado pela criança para resolver suas fantasias.

Ao ouvir uma história a criança tem acesso ao prazer, amparo, ajuda e possibilidade de nomear aquilo que não consegue dizer, como diz Mario Corso: “a ficção acaba sendo uma saída para que certas verdades se imponham”. Além disso a contação de histórias faz parte da tradição cultural oral e da formação da criança.

Apesar das transformações pós-modernas e da tecnologia que conseqüentemente carrega uma transparência e uma descarga exagerada de informações as crianças ainda estão interessadas no seu próprio universo, seus mistérios, suas dúvidas e suas curiosidades. Uma criança precisa investigar, procurar, nomear as suas interrogativas.

A sobrevivência dos contos clássicos de fadas se dão pelo fato do reconhecimento de situações que são comuns a todos, como por exemplo no caso do “Patinho Feio” expulso de casa, que nos remete a uma problemática vivenciada por todos em algum momento da vida: a necessidade de achar um lugar na família e no mundo. As histórias servem como um mapa imaginário, um caminho mais fácil de achar seu lugar.

As histórias clássicas, inicialmente escritas para adultos, contêm elementos de medo, de mistério, de interrogações e é justamente disso que se interessa uma criança, pois é isso que inconscientemente está vivenciando, sua realidade psíquica durante sua constituição é absurdamente rica em conflitos que causam angústias, por isso histórias “enfeitadas”, “romantizadas” não desempenham função tão bem quanto os contos de fadas, como recurso de elaboração das fantasias e conflitos.

Ao ouvir uma história a criança tem acesso ao prazer, amparo, ajuda e possibilidade de nomear aquilo que não consegue dizer, como diz Mario Corso: “a ficção acaba sendo uma saída para que certas verdades se imponham”. Além disso a contação de histórias faz parte da tradição cultural oral e da formação da criança.

Em João e Maria, na qual relata a história de dois irmãos, que vivem com o pai e a madrasta, em condições de extrema pobreza, sem ter nem o que comer, são abandonados na floresta pela madrasta com o consentimento do pai, (na identificação da criança fantasiando a expulsão do lar), expulsos de casa e com fome se perdem na floresta até encontrarem uma deliciosa casa feita de doces. Onde morava uma adorável senhora, que lhes acolheu dando aconchego, comida e amor, quando na verdade não passava de uma bruxa má, que seduziu as crianças com suas armadilhas para mais tarde devorá-las. Mas felizmente João e Maria conseguem se livrar da bruxa (que parece morrer ao mesmo tempo que a madrasta, indicando que são personagens conexas), assim voltam ao seu lar e vivem felizes com seu pai e o ouro que pegam da bruxa.

Nos contos onde prevalecem mães/madrastas egoístas, como na linha de João e Maria, indica que as crianças querem saber dos limites da ambivalência do amor materno, assim como, a fantasia de abandono ou expulsão do lar. Histórias como de crianças que saem de casa ou são expulsas, como

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

em João e Maria, funciona como antecipações que lhes permitem dominar o medo do “mundo cruel” que, mais dia ou menos dia terão que enfrentar.

Conclusão

As crianças que tem o privilégio de se desenvolver na infância com a escuta de contos de fadas conseguem elaborar de maneira mais simbólica e dar sentido aos significados de sua existência quando adulto. É dessa maneira que a criança obtém o que se pode ter de melhor dos dois mundos do simbólico e do real e isso é essencial para que possa se transformar em um adulto seguro.

Palavras chave

Histórias; subjetivação; narrativas

Agradecimentos

À Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul pelo espaço para construção e amostra de conhecimento, à supervisora do projeto de estágio básico curricular I, Tania Maria de Souza, e as instituições que abriram espaço para o desenvolvimento do projeto de oficinas de contos de fadas.

Referencias bibliográficas

CORSO, Diana Lichtenstein e Mario. Fadas do Divã: psicanálise nas histórias infantil. Porto Alegre. Ed. Artimed. 2006.

CORSO, Diana Lichtenstein e Mario. A Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre. Ed. Penso. 2006.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro. Ed. Imago. 1969. (V. XVIII)

FREUD, Sigmund. O caso Schreber, Artigos e outros trabalho. Rio de Janeiro. Ed. Imago. 1969. (A ocorrência , em sonhos, de material oriundo de contos de fadas, v. XII, p. 301.)

CORIAT, Lydia e JERUSALINSKY, Alfredo. Aspectos estruturais e instrumentos do desenvolvimento. Escritos da Criança Centro Lydia Coriat, Porto Alegre. 2001. 4 ed. p.10